

**The text that follows is a REPRINT
O texto que segue é um REPRINT.**

Please cite as:
Favor citar como:

Fearnside, P.M. 1992. Desenvolvimento sustentável na Amazônia. pp. 41-42 In: *Simpósio e Mostra Internacional de Tecnologias Ambientais: ECOTECH-RIO '92, 29 de maio a 6 de junho de 1992, Relatório, Parte II, Grupos de Trabalho. Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, Brazil. 140 pp.*

The original publication is available from:
A publicação original está disponível de:

Secretaria de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro fe.

SIMPÓSIO E MOSTRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS AMBIENTAIS

ECOTECH - RIO'92

29 de maio a 6 de junho de 1992

Rio de Janeiro - RJ
Brasil

Relatório

PARTE II
Grupos de Trabalho

DIA 1 DE JUNHO

Desenvolvimento Sustentável na Amazônia

Coordenador

Luiz Carlos Molion (UNITROP - Brasil)

Relatores

Luiz Carlos Molion (UNITROP - Brasil)

Luiz Alberto de Leers Costa Ribeiro (SEICTT - Brasil)

Palestrantes

Philip Fearnside (INPA - Brasil)

Nelson Ribeiro (Secretário de Estado do Meio Ambiente do Pará - Brasil)

Alcyr de Souza Meira (SUDAM - Brasil)

Nilde Lago Pinheiro (IBAMA - Brasil)

François Blasco (Institut de la Corte - França)

José Wilson Nunes (Conselho Nacional de Seringueiros - Brasil)

Nº de Participantes: 25 (vinte e cinco)

Principais Conclusões

Philip Fearnside

P. Fearnside analisa a concepção de desenvolvimento sustentável como instrumento capaz de promover a melhoria da qualidade de vida da população regional. A maior parte das atividades econômicas, programas e projetos desenvolvidos atualmente na região, pouco contribuem para este objetivo; as fazendas de gado, a especulação imobiliária, as grandes propriedades, inicialmente promovem o desmatamento ao

invés da melhoria da qualidade de vida da população.

O palestrante avalia que os 11,1 mil Km² de desmatamentos ocorridos em 1991, 26% se localizaram no Estado de Mato Grosso, o que atribui extrema concentração da propriedade fundiária naquele Estado, onde 87% das áreas concentram-se em propriedades de mais de 1.000 hectares. Isto contrasta com a estrutura fundiária de Rondônia, dominada por pequenos colonos, onde o desmatamento corresponde a apenas 10% das áreas desmatadas.

O uso da energia elétrica nos grandes projetos da Região Amazônica - como é o caso de Tucuruí - pouco contribui para a melhoria da qualidade de vida da população regional. Cerca de 2/3 da energia destinam-se à produção do alumínio e gera menos de 2.000 empregos na Região. Considerando o investimento total em Tucuruí, de US\$ 8 bilhões, incluindo os juros no período de construção, isto corresponde a US\$ 4 milhões por emprego gerado, cifra considerada absurda.

A produção madeireira também pouco contribui para o objetivo de melhoria da qualidade de vida da população regional.

Qualquer projeto que conduza ao desmatamento, inclusive a pecuária, não contribui para a melhoria da qualidade de vida da população regional.

O palestrante critica as propostas atuais de manejo da floresta tropical, sugeridas pela Organização Internacional de Madeiras Tropicais, pelo Banco Mundial e órgãos governamentais brasileiros. As expectativas de elevação dos preços dos produtos florestais, redução dos custos de exploração pelo subsídio ao transporte da madeira e a eliminação de intermediários parecem pouco realistas.

P. Fearnside demonstra um certo ceticismo quanto à regulamentação governamental do manejo sustentável, capaz de reduzir a intensidade da exploração por hectare e quanto à possibilidade de que os lucros privados de longo prazo, possam manter, dentro de limites aceitáveis, a intensidade do uso das florestas tropicais.

Em comparação com a exploração das florestas tropicais da Ásia - com florestas de valor comercial muito superior e mais homogêneas, com menor custo de exploração - a elevação dos preços dos produtos florestais da Amazônia ou o desenvolvimento de pesquisas visando o aproveitamento de novas espécies não constituem garantias suficientes para um manejo florestal não predatório. Com efeito, as melhores condições comerciais das florestas tropicais da Malásia, por exemplo, não impediram sua devastação.

Mesmo a hipótese de extinção da produção florestal asiática - responsável, em 1987, por 50% do comércio mundial destas madeiras -

em contraste com os 6% da África e os 2% da América Latina, capaz de elevar os preços dos produtos florestais da Amazônia, não seria suficiente para garantir a rentabilidade, de longo prazo, de um manejo florestal racional na Amazônia.

A exploração racional, a longo prazo, só se justifica economicamente a um custo de capital muito abaixo dos níveis vigentes no mercado, por isso a devastação florestal e o imediatismo dos desmatamentos tendem a prosseguir, a menos que se compute, nestes cálculos econômicos, o custo indireto das perdas ecológicas que daí advêm para a atividade agrícola, no resto do país.

O palestrante acredita que a água da Amazônia fornecida para a região Centro Sul - em decorrência da floresta tropical, do movimento de rotação do Planeta e dos ventos predominantes - constitui condição para as safras de grãos obtidas nesta última região.

Estimando entre US\$ 15 e US\$ 30, o valor de cada hectare de floresta, pela sua contribuição para a safra agrícola da região Centro Sul, conclui-se que as atividades econômicas desenvolvidas nos 426 mil Km² desmatados são o prejuízo econômico resultante da redução da safra agrícola no Centro Sul, provocada por aqueles desmatamentos.